

## 5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Com este capítulo pretendemos analisar os nossos estudos, salientando as suas conclusões e por sua vez, complementar ou diferenciar com os conteúdos abordados no corpo teórico do Capítulo II.

### 5.1. . Estudo I – Análise e Comparação das Competências Psicológicas de Jogadores de Futebol para e entre o Grupo Elite e Não Elite

O propósito de realização deste estudo, a comparação de grupos de elite com não-elite, é apresentado e defendido por Singer & Anshel (2006), os quais referem que as investigações para determinar as características dos jogadores considerados talentos, obtêm-se a partir da comparação de grupos com níveis de rendimento distintos.

Na análise descritiva realizada sobre os dados demográficos dos jogadores elite e não elite, verificamos que os jogadores elite relativamente à variável *idade de início da prática* apresenta um valor médio inferior comparativamente com o grupo não elite, os jogadores de elite apresentam a idade de 5 anos (máx = 10 anos) como o valor mínimo de iniciação, enquanto os não-elite apresentam 6 anos (máx = 12 anos) para o início da modalidade desportiva. Segundo a literatura, e mais especificamente Ericsson (2003), a idade de início de prática é relativamente mais baixa nos jogadores considerados de elite.

Através da análise dos resultados da comparação das competências psicológicas entre os grupos verificamos que o grupo elite evidencia melhor controlo de ansiedade, melhor índice motivacional, maior nível de auto-confiança, um índice de preparação mental superior e melhor capacidade de concentração. Estes resultados são corroborados por Mahoney, Gariel e Perkins (1987) e Cruz (1994), os quais também comparam grupos de atletas com distintos níveis de rendimento desportivo.

Os resultados por nós encontrados, são de certo modo apresentados por Montemayor et al (2006), contudo no atletismo. Os autores também concluem que os atletas considerados de elite, evidenciavam maior índice motivacional, melhor controlo de ansiedade, auto-confiança e índice de coesão de grupo superior ao grupo não elite.

Ao analisarmos as competências psicológicas do grupo de elite e não-elite, para os distintos escalões, verificamos que estas variam consoante o escalão. Assim sendo verificamos que para

os Sub 14, todas competências psicológicas diferem significativamente entre o grupo de elite e não elite são, sendo que, a dimensão que apresenta cotação mais elevada para o grupo de elite é *Ênfase na Equipa*. Em termos de corpo teórico, a escassez de estudos com este intuito é uma realidade. Contudo, analisando as considerações e características do desenvolvimento juvenil de Visek, Harris e Blom (2009), verificamos que nesta idade considerada, 14 anos, em termos sociais, os autores apontam como sendo uma idade em que existe um sentimento forte de necessidade de pertença a um grupo, onde os colegas desempenham um papel cada vez mais notório. A dimensão *Ênfase na Equipa* poderá ser uma repercussão desta necessidade evidenciada pelos autores.

Para os restantes escalões, Sub 15, Sub 16 e Sub 17, verificamos que a homogeneidade dos grupos em relação às competências psicológicas no grupo elite é uma constante. Assim sendo, estes escalões diferenciam-se significativamente dos escalões correspondentes do grupo não-elite nas dimensões *Controlo de Ansiedade* e *Motivação*. A *Preparação Mental* apresenta-se significativamente diferente entre os grupos no escalão de Sub 15 e Sub 17. A dimensão *Concentração* apenas se revela significativa nos escalões de Sub 16 e Sub 17. Verificamos que a dimensão *Ênfase na Equipa* não se apresenta significativamente diferente em nenhum escalão. Este facto poderá ser corroborado pelas ideias de Balyi (2001) e Bloom (1985), quando referem que os jogadores nestes escalões privilegiam um treino mais individualizado, objectivando a optimização das suas capacidades individuais, sendo técnicas e psicológicas.

## 5.2. Estudo II - Análise e Comparação das diferentes Categorias para os Treinadores de Elite e Não Elite

A nossa investigação junto dos treinadores justificou-se pela importância que este agente desportivo concerne na formação desportiva. Como apresentado na revisão de literatura, Byrne (1993), salienta a importância de trabalharmos com os distintos agentes desportivos envolvidos na formação do jogador, pois a sua acção poderá ditar o tipo e a qualidade. Mais concretamente, incidirmos a nossa prática junto dos treinadores pois estes são considerados o elemento central na formação do jogador (Pacheco, 2004). Neste sentido, a nossa acção junto dos treinadores baseou-se em tentar perceber que conceitos e indicadores eles consideram no alcance de performances de excelência, para o escalão com que trabalham directamente. Para melhor compreendermos este fenómeno de interacções, designamos algumas categorias específicas.

Para a categoria *fenómeno futebolístico*, verificamos que na literatura, este se apresenta como um fenómeno complexo onde a aleatoriedade e imprevisibilidade marcam de modo evidente a sua especificidade, tal como afirmou Cunha e Silva (2000). Para Frade (1989) e Garganta (1997), o futebol poderá ser considerado um sistema dinâmico complexo. Esta noção de

complexidade foi abordada pelos distintos técnicos do grupo elite e não-elite, onde poderemos especificar o TF1 na sua análise à interação de distintas estruturas complexificadas, assim como o TF6, quando refere que o futebol se apresenta como algo complexo devido à imprevisibilidade do jogo, das relações que se estabelecem, e da lógica que se constrói.

Na categoria 2, *Papel do Treinador na formação dos jogadores*, os técnicos apresentam distintas opiniões quanto à sua função junto de escalões de formação. Poderemos, segundo uma análise global, sintetizar as opiniões dos treinadores, por exemplo, salientam a necessidade de conhecerem os jogadores num “todo” (TF1, TF4, TF8, TF7 e TF6). Esta noção é apresentada por Araújo (1994), quando afirma que os treinadores não deverão esgotar as suas funções ao nível metodológico, deverão complementar a sua acção com uma postura global e multidisciplinar na formação de jovens jogadores.

Considerando a categoria 3, *O papel dos pais na formação desportiva*, Smoll (1991), considera extremamente importante a envolvimento dos pais na formação desportiva dos filhos. Esta importância é sublinhada pelos treinadores, no entanto o TF6 realça a influência negativa que estes poderão ter na formação dos filhos. Os treinadores apontam a alternância do papel e importância da estrutura parental ao longo da formação. Este tópico deverá ser estudado e esquematizado em investigações futuras.

Na definição do conceito de talento, categoria 4, Wein (2004) apresenta a sua definição como aquele jogador que é completo (TF8). Nas descrições e definições dos treinadores, a jogador talento é aquele que se distingue dos demais por um ou outro comportamento ou acção (Valdano, 1997), é aquele que corresponde fielmente ao que lhe é exigido.

Na categoria 5, *Prática deliberada e / ou genética*, tentamos perceber junto dos treinadores qual a verdadeira origem das capacidades talentosas, se de acordo com a prática deliberada, se justificadas pela genética. Segundo a perspectiva dos técnicos TF3, TF4, TF7 e TF5 a origem das capacidades talentosas é encarada como sendo fruto da interação entre características inatas e características situacionais. Esta perspectiva é apresentada na literatura por Güntürkün (2006), Davids e Baker (2007) e Garganta (2009). Para TF6, esta origem do talento será essencialmente genética, o qual afirma em que já nasce com ele, desvalorizando a importância do contexto, da estimulação. Esta perspectiva encontra-se de acordo com as noções de Galton (cit. Ericsson, 2003). Para TF1 e TF2 o contexto, a estimulação, o treino de qualidade justificam a origem e despoletar das capacidades talentosas. Esta perspectiva destes treinadores encontra-se de acordo com as noções de Changeux (2003), o qual defende que a experiência adquirida, a estimulação continuada e o processo de aprendizagem, explicam de modo mais eficaz o despoletar do talento comparativamente com a influência genética.

Como verificamos anteriormente no estudo I, os jogadores de elite evidenciam um valor médio de idade de início de prática inferior, comparando com o grupo não elite. Atendendo a todos os constrangimentos de desenvolvimento motor e psíquico, assim como às influências situacionais e sociais, questionamos os treinadores sobre qual a idade aconselhável para o início da prática da modalidade e se essa idade de início poderia prever ou não o alcance de performances de excelência (categoria 6, *Idade aconselhável de início da prática desportiva*). A idade apontada pelos técnicos situa-se nos 8 / 9 anos para o TF1, TF3 e TF8. Para o TF4 a idade aconselhada será 11 / 12 anos, para o TF6 10 anos, e para o TF5 7 anos. O TF7 e TF2 não apontam nenhum referencial, mas referem que quanto mais cedo iniciarem a sua prática desportiva melhor será para o alcance de performances de excelência. Como estes treinadores, TF7 e TF2, Howe *et al* (1998) defendem o início da prática desportiva em idades mais precoces como factor decisivo no alcance de performances de excelência.

As seguintes categorias, fazem referência a uma das questões levantadas no início da investigação que era tentar perceber junto dos técnicos quais as equações que estes faziam acerca das competências psicológicas na formação e potenciação de jovens jogadores. Analisamos que os treinadores apesar de reconhecerem a importância das competências psicológicas no alcance de performances de excelência desportiva, muitas das vezes, e considerando o seu trabalho diário, esta questão “mental” não é operacionalizada. A excepção é encontrada no técnico TF1 que reconheceu que actualmente trabalha com uma psicóloga, e demonstrou um à vontade claro quando aborda directrizes do trabalho de psicologia no rendimento desportivo dos seus jogadores, e o técnico TF4, apresenta também noções bastante elucidativas e específicas do que poderá ser o desenvolvimento destas competências, assim como especifica em que momentos elas podem ser identificadas e conseqüentemente potenciadas. Este conhecimento e noções gerais do que é e poderá ser a intervenção psicológica poderá potenciar a formação completa do jogador, equacionando e inter-relacionando os distintos domínios, pois como afirmam distintos autores (Bangsbo, 1993; Garganta, 1997; Castelo, 2002), os aspectos que convergem para a performance de excelência no jogador derivam de um grau elevado de especialização e desenvolvimento de diferenciados indicadores de distintos domínios, sendo técnico, tático, físico e psíquico. Um dos problemas equacionados pelos investigadores referiu-se ao facto dos domínios psíquico e cognitivo não estarem de igual modo desenvolvidos junto dos treinadores e jogadores, assim como na literatura (Dasil, 2006). Este problema levanta-se no “terreno de jogo” pois os técnicos consideram a sua abordagem um pouco difícil assim como, uma dimensão difícil de analisar e avaliar. No entanto concernem extrema importância aos factores psíquicos, os quais muitas vezes são utilizados para explicar os rendimentos desportivos colectivos e individuais.

Os dados recolhidos por nós e consequentemente os seus resultados encontram-se sustentados teoricamente por modelos e estudos realizados no âmbito da excelência desportiva.

### 5.3. Estudo III - Comparação das Competências Psicológicas dos Jogadores de Futebol do Grupo Elite e Não Elite com os relatos dos Treinadores

Recorrendo aos resultados do estudo, conseguimos associar algumas competências psicológicas proferidas no discurso do treinador, com os resultados dos jogadores, nomeadamente nas características motivação e ao controlo de ansiedade (TF1) para o escalão Sub 14; a concentração e a preparação mental (TF3) para o escalão Sub 16; e concentração (TF5) para o escalão Sub 17.

Verificamos na construção do corpo teórico que as investigações com este propósito específico, o cruzar e complementar a informação dos jogadores com a informação provinda dos treinadores é praticamente inexistente. Sabemos sim, que os autores reconhecem a extrema importância do treinador junto dos jogadores, mas poderemos começar a equacionar e a investigar aquilo que os treinadores pensam e pretendem fazer, adaptando esse plano de acção às necessidades não só técnicas e táticas, mas também ao nível psíquico e emocional.